

Elaboração e validação de instrumento usado para identificar características formalistas em teorias de percepção visual no design gráfico*Elaboration and validation of an instrument used to identify formalistic characteristics in theories of visual perception in graphic design*

Estêvão L. E. Chromiec & Marcos N. Beccari

percepção visual, análise de discurso, design gráfico, crítica pós-estruturalista

O propósito deste artigo é apresentar um instrumento de análise de discurso, elaborado para auxiliar na identificação de características formalistas em teorias de percepção visual no campo do design gráfico. Pressupõe-se que o design gráfico moderno herdou das artes visuais conceitos formalistas que fundamentaram teorias aplicadas ao design da informação. Como tais conceitos muitas vezes não estão explícitos, o instrumento busca trazer à luz, a partir de uma série de perguntas fundamentadas na abordagem crítica pós-estruturalista, as características formalistas da teoria a ser analisada. Neste artigo, apresentamos o processo de elaboração do instrumento e exemplificamos o seu uso, a partir da análise preliminar da teoria de percepção visual de Christian Leborg, extraída do livro Gramática Visual. O instrumento visa oferecer subsídios ao pesquisador que deseja identificar se o formalismo está ou não presente nas teorias que utiliza.

visual perception, discourse analysis, graphic design, post-structuralist criticism

The purpose of this paper is to present an instrument of discourse analysis, designed to assist in the identification of formalist characteristics in visual perception theories in the field of graphic design. It is assumed that modern graphic design inherited from the visual arts formalistic concepts that grounded theories applied to information design. As such concepts are often not explicit, the instrument seeks to bring to light the formalistic characteristics of the theory to be analyzed, from a series of questions grounded in the post-structuralist critical approach. In this paper, we present the process of elaboration of the instrument and exemplify its use, from the preliminary analysis of the theory of visual perception of Christian Leborg, from the book Visual Grammar. The instrument tries to offer assistance to the researcher who wishes to identify whether the formalism is present or not present in the theories that it uses.

1 Introdução

O objetivo desse texto é apresentar um instrumento de análise de discurso, análise que pode ser entendida, grosso modo, como um método de interpretação crítica que busca identificar os pressupostos e valores em disputa dentro de contextos definidos por práticas, saberes e instituições (Chizzotti, 2006). No caso da percepção visual, trata-se de apresentar criticamente os interesses e as contendas sociais implícitas neste tema a partir do campo do design gráfico. Definir o sentido da forma é o pano de fundo para as questões formalistas presentes no design. Não obstante, as teorias elaboradas para dar forma aos produtos, sejam industriais ou de comunicação, permanecem em disputa na atribuição de valores aos artefatos produzidos para consumo. A principal relevância do instrumento aqui proposto consiste no âmbito teórico-crítico do design gráfico: essa ferramenta auxiliará o pesquisador a identificar aspectos controversos de alguns dos fundamentos teóricos ainda vigentes no campo. Em especial, o instrumento foi elaborado para auxiliar na identificação de características formalistas em teorias de percepção visual no campo do design gráfico.

O formalismo pode ser entendido como um sistema de regras autorreguladoras criadas para analisar o valor supostamente intrínseco de um artefato a partir de uma estrutura linguística. As regras que fundamentam essa estrutura requerem o isolamento do sistema em relação a variantes sociais e históricos (Peters, 2000). Por exemplo, na percepção visual o discurso

Anais do 9º CIDI e 9º CONGICLuciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta,
Cristina Portugal (orgs.)**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**

Belo Horizonte | Brasil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

Proceedings of the 9th CIDI and 9th CONGICLuciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta,
Cristina Portugal (orgs.)**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**

Belo Horizonte | Brazil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

formalista implica regras, ou gramáticas, que funcionam como um sistema de critérios valorativos aplicados às imagens a partir do pressuposto de uma visão humana autônoma, capaz de atravessar conjunturas histórico-culturais. As primeiras críticas às gramáticas de representação vieram de correntes filosóficas que buscaram desconstruir as estruturas argumentativas de linguagem, sustentadas por noções universais em diversas esferas da cultura. Autores como Jacques Derrida, Michael Foucault, Roland Barthes, Hal Foster, Leo Steinberg, Rosalind Krauss e Bruno Latour revisaram, cada qual a sua maneira, as categorias que supostamente estruturam convenções e regras sociais vinculadas às representações (Derrida, 1973; Foucault, 2000; Barthes, 2007; Foster, 2017; Steinberg, 2004; Peters, 2000; Carrier, 2002; Latour, 2012). Esse tipo de abordagem crítica ficou conhecida como pós-estruturalista e a postura crítica por ela sustentada foi adotada para a elaboração do instrumento aqui proposto.

Como apontado por Lupton e Miller (2011), Camargo (2011) e Bomeny (2009), entendemos que o design gráfico moderno herdou das artes visuais conceitos formalistas que fundamentaram teorias aplicadas ao design da informação. Movimentos de vanguarda europeia como o De Stijl, o Abstracionismo e o Expressionismo trouxeram às primeiras escolas de design na Europa valores reformistas de uma suposta autonomia da visão¹, a partir de professores como Johannes Itten, Paul Klee, Wassily Kandisky, László Moholy-Nagy e Theo van Doesburg (Lupton & Miller, 2011; Camargo, 2011; Bomeny, 2009). Paralelamente, algumas pesquisas da psicologia se voltaram também para a análise da percepção humana. Nesse caso, visava-se encontrar parâmetros objetivos que permitissem a verificação da experiência subjetiva (Crary, 2012). Das linhas da psicologia que buscaram relacionar os padrões formais à percepção, e a experiência da visão subjetiva aos dados obtidos por testes objetivos, surgiu a Gestalt, abordagem que concebia uma estrutura universal que funcionaria como um todo organizador das partes percebidas (Santos, 2014). A partir dessa proposta, o design seria, então, organizador dos elementos que compõem uma “linguagem da visão”. Conforme analisado por Lupton e Miller no livro *Design, escrita e pesquisa* (2011, p. 62) e Beccari et. al (2017), autores como Donis A. Dondis e Rudolph Arnheim serviram-se de tais conceitos para fundamentar suas teorias de percepção visual. Como os princípios formalistas muitas vezes não estão explícitos, o instrumento aqui elaborado busca trazer à luz, a partir de uma série de perguntas fundamentadas na abordagem crítica pós-estruturalista², as características formalistas da teoria a ser analisada. O instrumento intenta oferecer auxílio ao pesquisador que deseja identificar se o formalismo está ou não presente nas teorias que utiliza.

2 Elaboração do instrumento

O método usado para elaborar o instrumento foi adaptado do conceito de framework apresentado por Daniel B. Portugal (2017), que pode ser entendido como uma teia de valores que oferece um conjunto de diretrizes básicas atreladas a modos de pensar. No caso do instrumento aqui apresentado, dois frameworks são definidos: Formalismo e Pós-estruturalismo. As noções valorativas de cada qual foram obtidas por exploração teórica em duas frentes: 1. *Crítérios Pós-estruturalistas* (dez critérios em formas de perguntas)³ e 2. *Características Formalistas* (quatro características)⁴. Dessas duas listas derivamos o instrumento (Figura 1). Cada sentença, bem como a relação entre elas, foi validada a partir de

¹ Nas artes visuais, o sentido das formas é um valor disputado por várias correntes artísticas; os movimentos de vanguarda do final do século XIX, que defenderam uma autonomia da visão em relação aos outros sentidos, representam apenas parte dessa disputa. É dessa forma que entendemos o discurso desses movimentos como “reformista” (Francina, 1998).

² O pós-estruturalismo foi uma corrente filosófica que buscou explicitar/desconstruir, nos discursos vigentes, conceitos aparentemente tidos como naturais, universais e atemporais. O objetivo dessa crítica foi o de tornar explícitas as questões que estão em disputa nas estruturas que fundamentam sistemas formalistas (Peters, 2000).

³ Para obter os critérios, foram consultados textos de autores como Foucault (2008) e Peters (2000).

⁴ Para obter as características formalistas nas artes visuais e no design gráfico, foram consultados textos de Lupton e Miller (2011), Coutinho (2012), Camargo (2011), Bomeny (2009), Steinberg (2008), Carrier (2002), Barros (2012) e Portugal (2011).

consulta com especialistas, cuja linha de pesquisa se relaciona ao pós-estruturalismo ou à análise de discurso.

Figura 1: Elaboração e validação do instrumento. Fonte: Elaborado pelos autores.



3 Resultados

As características formalistas obtidas foram: (I) Apresenta uma metanarrativa⁵ para agrupar elementos sob um princípio contínuo de progresso, (II) Valoriza um conceito através de um argumento de oposição binária⁶, (III) Sugere um sistema de linguagem visual a partir de regras de autonomia e autocrítica⁷, (IV) Defesa de conceitos universais, naturais e atemporais. E os critérios Pós-estruturalistas seguem em forma de perguntas: (1) Identifica estruturas universais comuns a todas as culturas e à mente humana?, (2) Faz aferições universais?, (3) Busca naturalizar um conceito?, (4) Supõe uma só verdade?, (5) Apresenta-se em uma posição de neutralidade objetiva e apartidária?, (6) Estabelece um sistema autônomo das disputas sociais?, (7) Considera os elementos formais isolados de seu contexto social?, (8) Atribui generalizações a todos os grupos sociais e culturais a partir de valores absolutos?, (9) Justifica seu modo de pensar com base em uma metanarrativa que agrupe acontecimentos semelhantes, sob uma lógica de continuidade ou progresso comum a diferentes épocas?, (10) Apresenta uma lógica de oposição binária para valorizar um discurso?

Para elaborar o instrumento a partir desses resultados, relacionamos os critérios pós-estruturalistas e as características formalistas de forma que, ao direcionarmos as perguntas que compõem os critérios pós-estruturalistas à teoria de percepção visual analisada, as respostas positivas possam sinalizar a existência da característica formalista I, II, III ou IV na

⁵ Metanarrativas podem ser entendidas como histórias que as culturas contam sobre suas práticas e crenças, com a finalidade de legitimá-las. Elas funcionam como uma história unificada e singular, fundamentada em conceitos universais, atemporais ou naturalizantes, cujo propósito é legitimar ou fundar uma série de práticas, uma auto-imagem cultural, um discurso ou uma instituição.

⁶ Argumentações lógicas fundamentadas em termos de oposição binária, ou seja, que conferem privilégios a um grupo, ou sujeito, a partir da diferença hierárquica entre os termos.

⁷ O conceito de autocrítica aqui tratado se refere ao termo adotado por Clement Greenberg, que busca atribuir a uma disciplina ou prática a capacidade de reconhecer seus próprios limites e seguir em frente dentro deles, isolando-a de outros contextos (Steinberg, 2008).

teoria em questão. A Figura 2 mostra como se dá a relação entre as características formalistas e os critérios pós-estruturalistas no instrumento de análise.

Figura 2: Instrumento de análise. Fonte: Elaborado pelos autores.

INSTRUMENTO DE ANÁLISE

| | | | |
|---|-----------------------|--|-----------------------|
| I. Apresenta uma metanarrativa para agrupar elementos sob um princípio contínuo de progresso. | <input type="radio"/> | III. Sugere um sistema de linguagem visual utilizando de regras de autonomia e autocrítica. | <input type="radio"/> |
| o4. Supõe uma só verdade? | <input type="radio"/> | o6. Estabelece um sistema autônomo das disputas sociais? | <input type="radio"/> |
| o5. Apresenta-se em uma posição neutralidade objetiva e apartidária? | <input type="radio"/> | o7. Considera os elementos formais isolados de seu contexto social? | <input type="radio"/> |
| o8. Atribui generalizações a todos os grupos sociais e culturais a partir de valores absolutos? | <input type="radio"/> | IV. Defesa de conceitos universais, naturais e atemporais. | <input type="radio"/> |
| o9. Justifica seu modo de pensar usando uma metanarrativa que agrupe acontecimentos semelhantes sob uma lógica de continuidade ou progresso, comum a diferentes épocas? | <input type="radio"/> | o1. Identifica estruturas universais comuns a todas as culturas e a mente humana? | <input type="radio"/> |
| II. Valoriza um conceito através de um argumento de oposição binária. | <input type="radio"/> | o2. Faz aferições universais? | <input type="radio"/> |
| o10. Apresenta uma lógica de oposição binária, para valorizar um discurso? | <input type="radio"/> | o3. Busca naturalizar um conceito? | <input type="radio"/> |

4 Análise preliminar

Selecionamos a obra *Gramática Visual*, do autor Christian Leborg, para uma análise preliminar de discurso, isto é, a fim de testar o método. O texto foi originalmente lançado em 2004 na Noruega com o título *Visuell grammatikk*, e tal obra foi indicada, a partir de formulário online, por docentes que abordam a percepção visual em disciplinas de design gráfico. O exemplar analisado foi a tradução para o português pela Editora Gustavo Gili em 2015. No texto, Leborg apresenta o conceito de linguagem visual como linguagem autônoma, sob o pano de fundo de uma sociedade contemporânea que consome e emite mensagens visuais. Nesse contexto, o autor posiciona seu trabalho como um guia a ser consultado a fim de decodificar e produzir mensagens visuais. Ao longo da obra, Leborg apresenta uma série de elementos visuais como uma espécie de dicionário e orienta como relacioná-los a partir da gramática tratada no livro. Com o uso do instrumento elaborado, foi possível verificar três características formalistas no autor, são elas: (II) Valoriza um conceito através de um argumento de oposição binária, (III) Sugere um sistema de linguagem visual a partir de regras de autonomia e autocrítica e (IV) Defesa de conceitos universais, naturais e atemporais.

Logo no segundo parágrafo do prefácio, o autor estabelece a exclusividade de uma linguagem própria da visão, como um conhecimento adquirido pela experiência física “sem o uso da linguagem escrita ou falada” (Leborg, 2015, p. 5). A partir dessa premissa, afirma que “pensamos de maneira diferente quando temos uma linguagem para descrever o que pensamos” (Leborg, 2015, p. 5). Traçada essa distinção, seu livro propõe uma contribuição

para a estruturação dessa linguagem. Tal característica permitiu-nos verificar a existência de um discurso que atribui autonomia a um sistema de linguagem que, por sua vez, considera os elementos visuais isolados de seu contexto social – (III) Sugere um Sistema de linguagem visual a partir de regras de autonomia e autocritica. Ainda que tal questionamento não seja o foco de Leborg no livro, tal pressuposto se mantém presente em seu discurso, notadamente ao fundamentar (2015, p. 9-14 e 24) sua teoria em autores como Rudolf Arnheim e Donis A. Dondis.

Ainda no prefácio, Leborg afirma não existir para a linguagem visual uma sintaxe ou semântica formal; no entanto, os objetos visuais poderiam, segundo ele, ser classificados em abstratos e concretos, e pelas relações entre eles. Objetos abstratos seriam os arranjos visuais criados para representar conceitos que não existem fisicamente, como o ponto, a linha, a superfície, o volume etc. E os objetos concretos seriam a forma, o tamanho e a cor. É nessa oposição dicotômica, abstrato e concreto, que Leborg organiza seu argumento, valorizando secundariamente o caráter relacional da gramática proposta. Isso nos permitiu identificar uma segunda característica formalista: (II) Valoriza um conceito através de um argumento de oposição binária. A ordem que sustenta todas as relações propostas pelo autor não é explicada em detalhes, apenas com citações de autores como Donis A. Dondis (2015, p. 9-14), Wassily Kandinsky (2015, p. 10), Johannes Itten (2015, p. 32-33) e Rudolf Arnheim (2015, p. 24).

Leborg (2015, p. 22) explica que “existem equações matemáticas que, quando representadas visualmente, não aparentam ter uma estrutura formal”, como um padrão geométrico aparentaria. Mas, mesmo assim, tais estruturas matemáticas (abstratas) ordenariam os elementos visuais, mesmo que, aparentemente, esses elementos não formem padrões ordenados e percebidos. Essas estruturas são por ele chamadas de estruturas informais, enquanto o padrão geométrico seria uma estrutura formal. Em ambos os casos existe uma noção de um todo abstrato que ordenaria os elementos. Ao apresentar então o conceito de “Esqueleto estrutural”, Leborg se fundamenta na noção de “forças perceptivas” que organizariam o espaço de uma composição visual. Nas palavras do autor:

Em todas as composições ou objetos existem forças que são contidas pelos limites da superfície. Estes graus variados de energia seguem certos eixos em relação à forma e proporções. Estes eixos, ou caminhos, podem ser chamados de esqueleto estrutural do formato ou do objeto (Leborg, 2015, p. 24).

Tal noção se baseia no livro *Arte e Percepção Visual* de Rudolf Arnheim, já abordado por Lupton e Miller no Livro *Design, escrita e pesquisa* (2011, pp. 62-65) e no artigo Representação Gráfica: uma abordagem crítica sobre as teorias de representação e percepção de Gombrich e Arnheim no contexto do design gráfico, de Beccari e Chromiec (2018, pp. 1-15). Para ser breve, o conceito de Arnheim é retomado por Leborg para conceber a ordenação subjetiva da percepção visual a partir do princípio da pregnância derivado da Gestalt.

Assim, a natureza da experiência visual não pode ser descrita em termos de polegadas de tamanho ou distância, graus de ângulo, ou comprimento de onde de um tom. Essas medidas estáticas definem apenas o ‘estímulo’ isto é, a mensagem enviada ao olho pelo mundo físico. Mas a vida de um percepto – sua expressão e significado – deriva integralmente da atividade das forças perceptivas (Arnheim como citado em Leborg, 2015, p. 24).

Como exemplo dessa teoria, Leborg lança mão de um círculo laranja posicionado fora do centro de uma página branca, e explica que forças de atração agiriam sobre a visão atraindo o objeto aos cantos da página (2015, p. 53).

Embora este círculo vermelho esteja completamente parado em uma folha de papel, há forças atuando sobre ele. O objeto é atraído pelas margens da página. As margens mais próximas do objeto têm maior impacto sobre ele. Isso também ocorre com outros elementos na composição. Elementos que estão mais próximos entre si possuem maior atração (força atrativa) uns sobre os outros (Leborg, 2015, p. 53).

Tanto o exemplo quanto a explicação são semelhantes adaptações do conceito que Arnheim apresenta como “forças” que agiriam subjetivamente sobre a percepção dos seres humanos (Chromiec et al, 2019, p. 9). Leborg não explica detalhadamente o que constituem essas forças, assim como Arnheim também não o faz. É possível notar também que se mantém em Leborg a tendência de explicar os fenômenos da percepção pela semelhança com as leis

físicas, ao descrever a relação de elementos visuais (abstratos e concretos) dentro de um espaço em termos como força, atração, equilíbrio, proximidade etc. Sendo assim, a Gestalt é implicitamente o princípio ordenador da gramática estrutural proposta por Leborg. Isso nos permitiu identificar a quarta característica formalista, (IV) Defesa de conceitos universais, naturais e atemporais, devido ao fato de a Gestalt conceber um todo universal comum na percepção dos seres humanos, e justificar tal pressuposto por um modelo de formas abstratas essenciais. Essas formas abstratas, para Leborg, se sustentam no conceito de Donis A. Dondis, citada pelo autor, segundo o qual “o abstrato transmite o significado essencial, passando pelo consciente ao inconsciente, da experiência no campo sensorial diretamente ao sistema nervoso, do evento à percepção” (Dondis como citado em Leborg, 2015, p. 9). É importante notar aqui o termo “essencial” usado por Dondis e mantido por Leborg, para quem a forma abstrata remeteria a uma essência da forma representacional, numa tentativa de naturalizar o conceito para abranger a todos os seres humanos.

Com o instrumento de análise preenchido, foi possível identificar três características formalistas presentes na obra de Leborg. A característica (II) Valoriza um conceito através de um argumento de oposição binária, aparece explicitamente no uso dos termos abstrato e concreto como classificação que fundamenta as relações estruturais propostas pelo autor. A característica (III) Sugere um Sistema de linguagem visual a partir de regras de autonomia e autocritica, apareceu também explicitamente, quando o autor se refere a um sistema de linguagem visual separado da linguagem escrita e falada, com o objetivo de conferir à visão um caráter independente. A autonomia desse sistema não é em nenhum momento questionada pelo autor. O que nos leva à característica (IV) Defesa de conceitos universais, naturais e atemporais, pautadas nas leis da Gestalt. Embora o termo Gestalt apareça apenas no glossário do livro, são recorrentes ao longo do texto os princípios que remetem às leis e aos autores dessa teoria, o que nos permitiu confirmar que ela está presente implicitamente na obra. A figura 3 mostra o instrumento de preenchimento após ser usado para analisar a obra Gramática Visual de Christian Leborg.

Figura 3: Instrumento de análise aplicado à teoria de Christian Leborg. Fonte: Elaborado pelos autores.



INSTRUMENTO DE ANÁLISE
LEBORG, C. Gramática Visual, 2015.

| | | | |
|---|----------------------------------|---|----------------------------------|
| I. Apresenta uma metanarrativa para agrupar elementos sob um princípio contínuo de progresso. | <input type="radio"/> | III. Sugere um sistema de linguagem visual utilizando de regras de autonomia e autocritica. | <input checked="" type="radio"/> |
| 04. Supõe uma só verdade? | <input type="radio"/> | 06. Estabelece um sistema autônomo das disputas sociais? | <input type="radio"/> |
| 05. Apresenta-se em uma posição neutralidade objetiva e apartidária? | <input type="radio"/> | 07. Considera os elementos formais isolados de seu contexto social? | <input checked="" type="radio"/> |
| 08. Atribui generalizações a todos os grupos sociais e culturais a partir de valores absolutos? | <input type="radio"/> | IV. Defesa de conceitos universais, naturais e atemporais. | <input checked="" type="radio"/> |
| 09. Justifica seu modo de pensar usando uma metanarrativa que agrupe acontecimentos semelhantes sob uma lógica de continuidade ou progresso, comum a diferentes épocas? | <input type="radio"/> | 01. Identifica estruturas universais comuns a todas as culturas e a mente humana? | <input checked="" type="radio"/> |
| II. Valoriza um conceito através de um argumento de oposição binária. | <input checked="" type="radio"/> | 02. Faz aferições universais? | <input type="radio"/> |
| 10. Apresenta uma lógica de oposição binária, para valorizar um discurso? | <input checked="" type="radio"/> | 03. Busca naturalizar um conceito? | <input checked="" type="radio"/> |

5 Conclusões

O uso do instrumento apresentado nesse trabalho permitiu verificar a existência de três características formalistas na teoria de percepção visual apresentada no livro *Gramática Visual* de Christian Leborg. Tais características foram localizadas na fundamentação teórica do autor, onde são mencionados Donis A. Dondis, Wassily Kandinsky, Johannes Itten e Rudolf Arnheim, e também em seu método, ao estruturar sua gramática com base no conceito de uma autonomia da visão. Dessa forma, o uso do instrumento apresentou os resultados esperados, trazendo à luz conceitos implícitos, como no caso da Gestalt, cujos princípios se mantiveram na teoria em questão. No entanto, sabemos que o presente trabalho não esgota as possibilidades de revisão crítica direcionada às teorias de percepção visual, e é importante salientar que os pesquisadores que utilizarem o instrumento devem estar cientes que seu uso foi concebido apenas para auxílio no processo de análise de discurso. Como mostrado por Foucault (2008), as formações discursivas⁸ abordadas por esse método excedem ao que o instrumento aqui apresentado se propõe a identificar. Sendo assim, o papel do instrumento é apenas o de auxiliar, e para esse fim se mostrou útil.

Agradecimento

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) –, Código de Financiamento 001, e ao Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR.

Referências

- Barros, J. (2012). Alois Riegl e a visibilidade pura: revisando a obra do historiador da arte de fins do século XIX. *Cultura Visual*, n. 18, pp. 61-72.
- Barthes, R. (2007). *Mitologias*. São Paulo: Edições 70.
- Beccari, M. N., Chromiec, E., & Santos, A. L. (2017). *Uma revisão crítica de Harold Speed e Donis A. Dondis no âmbito da história da visualidade*. Revista Educação Gráfica, 21, pp. 86-97.
- Bomeny, M. (2009). O Panorama do design gráfico contemporâneo: a construção, a desconstrução e a nova ordem. *Tese de Doutorado*. São Paulo: FAUUSP.
- Carrier, D. (2002). *Rosalind Krauss and american philosophical art criticism: from formalism to beyond postmodernism*. Praeger Publish, Westport, Connecticut.
- Camargo, I. (2011). O departamento de design gráfico da Cranbrook Academy of Art (1971 – 1995): novos caminhos para o design. *Dissertação de mestrado*. São Paulo: FAUUSP.
- Chizzoti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Chromiec, E., & Beccari, M. N. (2019). Representação Gráfica: uma abordagem crítica sobre as teorias de representação e percepção de Gombrich e Arnheim no contexto do design gráfico. *INFODESIGN (SBDI. ONLINE)*, 16, pp. 1-15.
- Coutinho, S. (2012). O conceito de Formalismo e arquitetura moderna: Contribuição para uma revisão crítica da obra de Oscar Niemeyer. *Tese de doutorado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Crary, J. (2012). *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, Ed. Da Universidade de São Paulo.

⁸ Conjunto de discursos que formam uma rede, ou uma contenda, derivada dos interesses sociais (Foucault, 2008).

- Dondis, D. A. (2007). *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Francina, F., Blake E, N., Fer, B., Garb, N., & Harrison, C. (1998). *Modernidade e Modernismo: Pintura francesa no século XIX*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2000). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foster, H. (2017). *O retorno do real: A vanguarda no final do século XX*. Ubu Editora, São Paulo.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o Social: Uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc.
- Leborg, C. (2015). *Gramática visual*. São Paulo, Editora G. Gilli Ltda.
- Lupton, E., & Miller, A. (2011). *Design escrita pesquisa: a escrita no design gráfico*. Porto Alegre: Bookman.
- Peters, M. (2000). *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Portugal, D. (2017). Éticas do design: considerações preliminares sobre os valores da produção industrial em modos de pensamento iluministas e românticos. *Revista Não Obstante*, 1(1), pp. 5-12.
- Portugal, D. (2011). *O realismo entre as tecnologias da imagem e os regimes de visualidade: fotografia, cinema e a "virada imagética" do Século XIX*. *Discursos Fotográficos*, 7(11), pp. 33-54, jul./dez. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/8671>>. Acesso em 27 mar. 2019.
- Santos, M. (2014). *Métáfísica romântica (verniz científico): sobre a pertinência da Gestalt como teoria da comunicação visual*. *Revista Em Questão*, 20(1), pp. 269-290.
- Steinberg, L. (2008). *Outros critérios: Confrontos com a arte do século XX*. São Paulo: Cosac Naify.

Sobre os autores

Estêvão Chromiec, Mestrando, UFPR, Brasil <estevaochromiec@gmail.com>

Marcos Beccari, Doutor, USP, Brasil <contato@marcosbeccari.com>